



VOLUME - V.3
NÚMERO - N.2
DEZ. - 2025
ISSN: 2966-1439
P.183-196

A PROSTITUIÇÃO COMO FERRAMENTA DE ASCENSÃO SOCIAL:

UMA LEITURA DE MADAME POMMERY (1919), DE HILÁRIO TÁCITO

PROSTITUTION AS A TOOL FOR SOCIAL ASCENSION: A READING OF *MADAME POMMERY* (1919), BY HILÁRIO TÁCITO

Eduarda Gracília Ramos Pedroso Romagnolli Fattori¹
Matheus Queiroz Pedro²

RESUMO: Publicado em 1919, *Madame Pommery*, de Hilário Tácito, apresenta a trajetória de Ida Pomerikowsky, jovem europeia que, ao rejeitar os planos patriarcais do pai, se reinventa como cortesã de luxo e empresária da noite paulistana. Este artigo propõe uma leitura crítica da obra à luz de autoras como Michelle Perrot, Judith Butler, Simone de Beauvoir e bell hooks, compreendendo a prostituição como prática ambígua, simultaneamente instrumento de dominação e de agência feminina. Analisa-se como a personagem mobiliza seu corpo como capital simbólico e econômico, utilizando a performance da feminilidade e a astúcia social como ferramentas de ascensão. A casa *Au Paradis Retrouvé*, fundada por Madame Pommery, torna-se espaço de negociação entre erotismo, prestígio e moralidade, refletindo a europeização da elite brasileira da *Belle Époque*. A análise evidencia que a personagem encarna as contradições da modernidade: embora conquiste visibilidade e poder, permanece submetida às estruturas patriarcais e de classe. A trajetória de Madame Pommery revela, assim, como o corpo feminino pode operar como campo de disputa entre sujeição e resistência em um contexto social marcado por desigualdades de gênero, classe e poder simbólico.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Prostituição. Patriarcado.

ABSTRACT: Published in 1919, *Madame Pommery*, by Hilário Tácito, presents the trajectory of Ida Pomerikowsky, a young European woman who, by rejecting her father's patriarchal plans, reinvents herself as a luxury courtesan and nightlife entrepreneur in

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e graduada em Letras - Português e Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: eduardaromagnolli@gmail.com

² Pós-graduando em Tradução de Inglês pela Descomplica. E-mail: matheus.queiroz.pedro@gmail.com

São Paulo. This article offers a critical reading of the novel through the lens of theorists such as Michelle Perrot, Judith Butler, Simone de Beauvoir, and bell hooks, understanding prostitution as an ambiguous practice, both a tool of domination and a form of female agency. The analysis examines how the protagonist mobilizes her body as symbolic and economic capital, using the performance of femininity and social cunning as strategies for upward mobility. The house *Au Paradis Retrouvé*, founded by Madame Pommery, becomes a space of negotiation between eroticism, prestige, and morality, reflecting the Europeanization of Brazil's *Belle Époque* elite. The reading reveals that the character embodies the contradictions of modernity: although she gains visibility and power, she remains subject to patriarchal and class structures. Madame Pommery's trajectory thus illustrates how the female body can serve as a site of conflict between subjugation and resistance within a social context marked by gender, class, and symbolic inequalities.

Keywords: Brazilian literature. Prostitution. Patriarchy.

INTRODUÇÃO

Publicado pela primeira vez em 1919, *Madame Pommery*, de Hilário Tácito (pseudônimo do engenheiro José Maria de Toledo Malta), é uma narrativa híbrida entre a crônica de costumes e a ficção romanesca, que satiriza a influência da *Belle Époque* sobre a elite brasileira do início do século XX. A história acompanha a trajetória de Ida Pomerikowsky, jovem de origem europeia que, ao romper com os planos patriarcais de seu pai, recusa a função passiva de mercadoria sexual destinada ao casamento ou à submissão doméstica. Apropriando-se do próprio corpo como estratégia de sobrevivência e ascensão social, Ida se reinventa como Madame Pommery: uma cortesã refinada e empresária da noite paulistana, que fundará a sofisticada casa de espetáculos *Au Paradis Retrouvé*.

Situada no contexto do pré-modernismo brasileiro, a obra exemplifica o que Alfredo Bosi (2017) define como o esforço de problematizar “a nossa realidade social e cultural” nas primeiras décadas do século XX (p. 327). Essa problematização ocorre em múltiplos níveis: de um lado, a crítica aos valores morais e sociais da elite emergente; de outro, a tensão entre os papéis de gênero e a luta de mulheres como Madame Pommery por autonomia em um mundo que constantemente tenta cerceá-las.

Como aponta Michelle Perrot (2005), o corpo da mulher foi historicamente “subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade” (p. 75). Ao longo dos séculos, diversas formas de violência, do controle familiar à exploração econômica e

simbólica, foram naturalizadas em torno da figura feminina. Nesse cenário, a prostituição aparece como um fenômeno paradoxal: “comprado”, o corpo feminino é também “sinal de resistência”, uma vez que permite certa autonomia em uma estrutura que constantemente nega às mulheres o direito à autodeterminação. Madame Pommery, nesse sentido, não apenas negocia seu corpo, mas reconfigura seu lugar no mundo a partir da astúcia e da capacidade de leitura do jogo social que a cerca.

Essa análise exige, portanto, uma leitura crítica das estruturas que moldam os destinos das mulheres na literatura e na história. Simone de Beauvoir (2016) já alertava que “não se nasce mulher, torna-se”, indicando como a condição feminina é socialmente construída, muitas vezes por meio da dominação masculina, que transforma o corpo feminino em objeto de troca, posse e controle. Ida Pomerikowsky, ao tomar posse do próprio corpo e dos recursos simbólicos da feminilidade, inscreve-se na tradição das personagens que subvertem essa lógica, mesmo que pagando o preço da marginalidade social.

Além disso, a performance de *Madame Pommery* pode ser lida à luz da teoria da performatividade de gênero, proposta por Judith Butler (1990), segundo a qual os papéis de gênero não são naturais, mas sim repetidos e encenados a partir de normas sociais. A personagem constrói sua identidade através da encenação de uma feminilidade refinada e sedutora, que a torna desejável à elite paulistana sem, no entanto, ser plenamente aceita por ela. Há aí uma tensão constante entre visibilidade e exclusão, pertencimento e rejeição, centro e margem.

Angela Davis (1981), ao discutir a prostituição e o trabalho das mulheres negras e pobres, destaca como as condições de exploração do corpo feminino muitas vezes são invisibilizadas sob o manto da moralidade burguesa. Madame Pommery, embora branca e educada, compartilha com essas mulheres o estigma de usar seu corpo como instrumento de trabalho e, como elas, enfrenta o julgamento de uma sociedade que consome os prazeres femininos ao mesmo tempo em que os condena.

Por fim, a construção da protagonista também pode ser comparada à figura da mulher-espetáculo analisada por Laura Mulvey (1975), para quem o corpo feminino, especialmente na narrativa visual, é moldado pelo olhar masculino (*male gaze*). Madame Pommery, porém, subverte parcialmente esse olhar ao se colocar como agente de sua

própria imagem: ela se encena para ser vista, mas é também quem comanda o espetáculo.

Assim, a presente análise propõe compreender Madame Pommery não apenas como um romance de costumes ou sátira social, mas como uma narrativa que revela as contradições de uma sociedade em transição onde o corpo feminino se torna campo de disputa entre dominação e liberdade, desejo e moral, marginalidade e protagonismo.

2 O CORPO SUBJUGADO: JUVENTUDE E CONTROLE PATRIARCAL

A trajetória de Ida Pomerikowsky, futura Madame Pommery, inicia-se sob o domínio incontestável de uma autoridade masculina: seu pai. Sem a presença da mãe, figura que desaparece da narrativa de maneira silenciosa e significativa, a jovem é educada por Zoraide, uma preceptora que, embora mulher, atua em sintonia com os interesses do patriarca. Ivan Pomerikowsky, pai da protagonista, vê na filha não um sujeito, mas um investimento. Sua educação refinada, longe de representar um esforço humanista, é orientada pela lógica da mercantilização do corpo: a valorização de sua virgindade como capital.

O romance expõe, de maneira irônica e incisiva, a frieza desse projeto patriarcal. Em um dos trechos mais reveladores, o narrador afirma que os “cuidados” na formação de Ida tinham como objetivo preparar seu corpo para a venda, reproduzindo um ciclo histórico de subjugação feminina que remonta às origens das sociedades de classe. Como observa Friedrich Engels (2019), a opressão das mulheres nasce da transformação das relações sociais com o advento da propriedade privada, que institui o controle do corpo feminino como condição para garantir a herança legítima: “a mulher foi degradada, escravizada, tornou-se escrava do desejo do homem é mero instrumento de procriação” (p. 75).

Essa leitura se entrelaça com o diagnóstico de Michelle Perrot (2005), para quem o corpo feminino, historicamente desejado, foi também sistematicamente apropriado, “muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade” (PERROT, 2005, p. 75). Tal apropriação é explicitamente tematizada no romance, quando o narrador revela o projeto patriarcal que orienta a formação de Ida. Ivan Pomerikowsky, o pai, educa a filha

não por afeto, mas com fins econômicos e simbólicos, preparando-a para ser vendida ao melhor comprador:

Tantos cuidados na educação da futura Mme. Pommery não foram empregados de balde, ou simplesmente por afeto paternal. O homem sabia muito bem qual fosse o ‘preço da virgindade’ — *pretium pudicitiae*. E alegava, para o perceber algum dia, com aqueles versículos do Êxodo: Se desonrar alguém alguma virgem, lhe dará um dote e casará com ela. Se o pai da virgem não quiser o casamento, pagará ao pai tanto dinheiro quantos às virgens se costuma dar a título de dote (Êx: XXII, 22:16, 17). Topou em Praga o estuprador idôneo na pessoa de um rico, idoso e mulherengo, que se enamorou lorpamente da donzela. Por índole, ou por desengano, Ivan Pomerikowsky era contrário a casamentos. Por isso, o “dote” foi orçado em nove mil coroas. Pagamento à vista de uma vez (Tácito, 1998, p. 32–33).

O episódio da tentativa de venda da virgindade de Ida não é apenas um dado narrativo, mas uma síntese brutal de como a dominação patriarcal atravessa o corpo da mulher, convertendo-o em valor de troca. Como filha, Ida está presa a um contrato tácito: sua obediência deve reverter em lucro ao pai, e sua sexualidade, longe de lhe pertencer, deve ser entregue segundo os interesses familiares.

No entanto, o romance surpreende ao apresentar um ponto de inflexão nessa lógica: Ida reconhece o valor de seu corpo, não como objeto passivo, mas como potência de ação. Ao se apropriar do dinheiro que seu pai receberia por sua “pureza” e fugir com Zoraide, ela inicia uma ruptura simbólica com a estrutura que a objetifica. Esse gesto, que marca o início de sua trajetória autônoma, pode ser compreendido, à luz de Judith Butler (1990), como um ato performativo de resistência: Ida não nega o papel que lhe foi imposto, mas o ressignifica a partir de seus próprios interesses. Ela não deixa de ser mulher em um mundo masculino; ela escolhe como ser mulher dentro das regras do jogo.

É importante ressaltar que essa fuga não significa liberdade plena, mas sim o começo de uma série de negociações entre opressão e agência. Como lembra Simone de Beauvoir (2016), a mulher é historicamente construída como “o Outro”, sendo definida em função do homem. Ida, ao assumir o controle de seu corpo, reivindica para si o direito à subjetividade e à ação, ainda que em um campo limitado pelas convenções sociais.

Nesse contexto, o corpo de Ida não é apenas um corpo explorado, ele se torna também um instrumento estratégico. A jovem transforma o que seria sua condenação em ferramenta de mobilidade social. E é justamente essa transformação que confere à

personagem sua complexidade: ela não rompe com o sistema patriarcal, mas manipula suas brechas. Como observa Angela Davis (1981), a exploração do corpo feminino nas estruturas de trabalho, incluindo o trabalho sexual, deve ser analisada considerando a agência das mulheres, sem que se apague o contexto de violência e desigualdade que as cerca. Ida navega por esse terreno ambíguo, ora se submetendo às regras do jogo, ora transgredindo-as com astúcia.

Por fim, a juventude de Ida representa, simbolicamente, o momento em que a mulher, ainda sob o olhar disciplinador do patriarcado, começa a perceber as possibilidades de fissura. A subversão inicial, roubar o próprio dote e fugir, não é um ato de negação da sexualidade, mas de sua apropriação. Ida deixa de ser apenas o corpo desejado e passa a ser o corpo que deseja, o corpo que age. E é nessa chave que sua trajetória deve ser lida: não como uma libertação plena, mas como uma tática de sobrevivência em um mundo hostil às mulheres que ousam decidir por si mesmas.

3 PROSTITUIÇÃO E ESTRATÉGIA DE ASCENSÃO SOCIAL

Uma vez liberta da autoridade paterna, Ida Pomerikowsky inicia uma jornada marcada pela mobilidade, tanto geográfica quanto social, que tem como eixo central o uso do próprio corpo como moeda e poder. Ela torna-se prostituta itinerante na Europa, e seu deslocamento de país em país é descrito pelo narrador com certa ironia elegante, como se sua trajetória fosse, ao mesmo tempo, escandalosa e admirável. A prostituição, que à primeira vista poderia ser lida como sinal de degradação ou ruína, transforma-se, em *Madame Pommery*, em possibilidade de reinvenção e ascensão.

A protagonista domina o jogo da sedução, mas não como vítima ou títere dos desejos masculinos: ela impõe suas regras e sabe precificar seus encantos. Como afirma o narrador, ela logo aprende a "fazer-se valer" e a lidar com homens poderosos, muitos dos quais acabam se tornando benfeitores, amantes ou apenas peças estratégicas em sua escalada. Essa perspectiva encontra eco na análise de Michelle Perrot (2005), que ressalta a ambivalência histórica da prostituição: "A prostituição é um sistema antigo e quase universal [...] acompanhada de uma exploração, ou mesmo de uma superexploração, do corpo e do sexo das mulheres" (p. 77).

Na obra, essa superexploração aparece travestida de glamour. Ao chegar ao Brasil, Madame Pommery não apenas continua a se valer do capital erótico, mas amplia sua atuação ao fundar a casa de festas *Au Paradis Retrouvé*, espaço que simboliza a sofisticação da *Belle Époque*, mas também encobre a prática da prostituição com um verniz de luxo e bom gosto. A casa oferece champagne francês, música refinada e o “acompanhamento” das discípulas da Madame, termo carregado de ironia, pois transforma prostitutas em figuras quase religiosas, hierarquizadas sob a liderança de uma mulher carismática e experiente.

A ambiguidade da *Au Paradis Retrouvé* está no coração do romance. Ali, convivem o prazer e o controle, a sensualidade e a astúcia, a troca comercial e a sedução espontânea. O narrador, que se posiciona entre o *voyeur* e o cronista moralista, nunca condena abertamente as atividades da Madame, mas também não as glorifica. Essa ambiguidade narrativa reflete a própria posição social que a protagonista passa a ocupar: ela é celebrada, temida, desejada mas jamais plenamente aceita.

É nesse ponto que a leitura de Cristiana Schettini (2002) se torna especialmente reveladora. Ao estudar a prostituição no Brasil entre os séculos XIX e XX, a autora demonstra que a atividade ultrapassa a simples troca sexual por dinheiro e se transforma em campo de articulação social e resistência: “Ela não apenas viabilizava certas estratégias de sobrevivência para uma variedade de mulheres, brasileiras e estrangeiras, como articulava múltiplas redes de sociabilidade, crivadas por hierarquias sociais e de gênero” (p. 8).

Madame Pommery atua exatamente nesse terreno: ela constrói redes, conquista aliados influentes e converte sua casa em ponto de encontro da elite paulistana. O espaço fundado por ela não é apenas um bordel de luxo, é uma plataforma de visibilidade e poder. Sua ascensão se dá não apesar da prostituição, mas por meio dela. A sexualidade, longe de aprisioná-la, é convertida em estratégia. Ela é malandra, no sentido descrito por Antonio Candido (1993): alguém que faz uso da “astúcia pela astúcia” para burlar normas e conquistar espaços que, a princípio, lhe estariam vedados.

Ao contrário da figura clássica da “mulher caída”, a protagonista encarna a prostituta de luxo, refinada e educada, que ocupa um espaço ambíguo na sociedade: condenada pela moral oficial, mas desejada e prestigiada nos círculos de elite. É nesse contexto que a análise de Michelle Perrot (2005) se torna essencial: “A prostituição é um

sistema antigo e quase universal [...] acompanhada de uma exploração, ou mesmo de uma superexploração, do corpo e do sexo das mulheres” (p. 77).

No romance, essa ambiguidade é encarnada na casa *Au Paradis Retrouvé*, fundada por Madame Pommery em São Paulo. O espaço é descrito como uma verdadeira instituição da vida urbana moderna: oferece luxo, cultura francesa e companhia feminina selecionada. As prostitutas que ali trabalham não são tratadas como meras mercadorias baratas; ao contrário, são apresentadas como discípulas, verdadeiras damas de refinamento cosmopolita. O domínio da língua francesa, como mostram trechos do romance, é parte da encenação desse erotismo elegante: “*Ah, voici mon omelete. Je vais pouvoir respirer enfin.*” (Tácito, 1998, p. 93)

O uso do francês nos diálogos, inserido com naturalidade, reforça a crítica sutil à elite brasileira da *Belle Époque*, que aspirava a parecer europeia em sua cultura e seus modos. Como observa Taynara Mirelle do Nascimento de Araújo (2015), a prostituição de luxo no Brasil estava profundamente ligada ao ideal de afrancesamento e à obsessão com o “cosmopolitismo”: “A prostituição de luxo se firmou nesse período no Brasil [...] principalmente em relação à França, que era o país europeu mais admirado nesse período da *Belle Époque*.” (Araújo, 2015, p. 231)

Nesse sentido, *Au Paradis Retrouvé* é mais do que um prostíbulo: é um palco da modernidade tropicalizada, onde a identidade brasileira das elites se constrói pela imitação dos modos europeus inclusive no consumo sexual. Como comenta o narrador: “Cursar o *Paradis Retrouvé* ficou sendo, no conceito geral da gente fina, um título de merecimento e remate indispensável de toda educação aprimorada.” (Tácito, 1998, p. 131)

A prostituição, nesse cenário, é elevada à condição de prática civilizadora. Os jovens ricos se orgulham de frequentar a casa da Madame não apenas pelo prazer carnal, mas porque ali aprendem linguagem, etiqueta, modos de vestir e conviver elementos de uma civilidade que substitui os costumes coloniais por um verniz europeu. Como afirma Araújo: “A sociedade dava a essas mulheres a função civilizadora das práticas sexuais ilícitas.” (Araújo, 2015, p. 233)

Esse imaginário não surge espontaneamente. Como alerta Bronislaw Baczkó (apud ARAÚJO, 2015, p. 230), o simbólico é uma ferramenta de manipulação social, usada pelas elites para modelar a sensibilidade coletiva. Assim, idealiza-se a “polaca” (prostituta

européia branca, loira ou de traços finos) como símbolo de um erotismo superior, associado à sofisticação. Essa idealização responde, como explica Margareth Rago (1991), ao projeto de embranquecimento e modernização da sociedade brasileira: “Mulheres loiras, ruivas, claras, delicadas [...] tornavam-se mais misteriosas e inatingíveis para uma clientela masculina seduzida pelos mistérios fantásticos da vida moderna.” (Rago, 1991, p. 294)

Madame Pommery, nesse sentido, não apenas reproduz, mas satiriza esse imaginário. A própria protagonista assume um nome afrancesado e cria um ambiente que imita os salões parisienses. Ela compreende o valor simbólico da cultura europeia e a transforma em ativo social. Ao vender não apenas sexo, mas experiência, Madame reinventa a prostituição como rito de passagem da elite masculina, tornando-se mediadora entre o desejo e o prestígio.

Entretanto, essa sofisticação não elimina a lógica de mercado e mercantilização. O narrador, em tom mordaz, descreve o ambiente como uma feira de vaidades e desejos, onde os corpos femininos são dispostos em frisas e camarotes como produtos de luxo: “Era ali [...] o campo de batalha das mundanas, onde lutavam e se batiam com encantos e requiebros [...] pela conquista dos inermes coronéis.” (Tácito, 1998, p. 61)

Essa descrição evidencia que, por mais que o cenário seja elegante, a dinâmica permanece centrada na disputa, na visibilidade e na venda do corpo, ainda que em embalagem de veludo. A agência feminina está ali, sem dúvida, mas em permanente tensão com a estrutura patriarcal e mercantil.

Essa transgressão, no entanto, não deve ser lida como simples empoderamento. Judith Butler (1990) adverte que a performatividade de gênero, especialmente em contextos de subordinação, é sempre tensa, pois a repetição dos papéis sociais, mesmo quando ressignificada, ainda carrega os traços da norma. Madame Pommery, portanto, transgride, mas também repete: ela reafirma o valor do corpo feminino como mercadoria, mesmo que em seus próprios termos.

A complexidade da personagem reside justamente aí: sua independência é real, mas construída dentro de uma lógica de mercado que continua a objetificar mulheres. Sua “liberdade” é marcada pela condição de precisar se vender, mas ela o faz com elegância, estratégia e controle. Como aponta bell hooks (2000), a libertação das mulheres só pode ser plena quando não estiver alicerçada na lógica da dominação; no

caso de Madame Pommery, sua vitória é parcial, pois, embora consiga ocupar espaços de poder, sua posição depende da manutenção de uma estrutura desigual e excludente.

Assim, Madame Pommery nos apresenta uma protagonista que encarna a ambivalência da prostituição no início do século XX: ela é, ao mesmo tempo, produto e produtora de sua realidade. Sua trajetória, marcada pela tensão entre marginalidade e prestígio, ilustra como o corpo feminino pode ser, simultaneamente, instrumento de sujeição e ferramenta de agência. A casa que ela fundou não é apenas um símbolo de decadência ou resistência é, sobretudo, um campo de disputa, onde as regras da moral e da ascensão social são continuamente negociadas.

4 A MALANDRAGEM COMO FERRAMENTA DE MOBILIDADE

A trajetória de Ida, que se transforma em Madame Pommery, pode ser interpretada a partir da noção de “malandragem” descrita por Antonio Candido (1993). Em seu ensaio, Candido conceitua o malandro como uma figura que não se limita a transgredir regras por simples rebeldia, mas que explora com inteligência e astúcia as brechas e contradições do sistema social para sobreviver e prosperar. Ele define o malandro como aquele que “usa a astúcia pela astúcia” (Candido, 1993, p. 26), ou seja, um agente estratégico que negocia a realidade a seu favor sem necessariamente romper completamente com as normas vigentes.

Essa dialética também é observada por José Carlos Mariano do Carmo (2003), ao analisar Madame Pommery como a primeira malandra da prosa ficcional brasileira. Segundo o autor,

A malandragem da protagonista está extremamente relacionada com o universo que a cerca, em três figuras sociais fundamentais: pai, mãe e preceptora. [...] Tais atitudes destes personagens tornam a protagonista neopícara de início e, espertamente, malandra para lidar com os percalços da vida, que percebe desde cedo o que quer (tem projeto), que dribla com artimanha todas as dificuldades e atinge com uma patada o solo da capital paulista: “É aqui o meu lugar!” (Carmo, 2003, p. 113).

Madame Pommery exemplifica, assim, a articulação entre as leituras de Candido e Carmo: desde o início, ela desafia as imposições do pai e da moral patriarcal, fugindo para usar a própria virgindade, objeto de comércio, como moeda de troca para ganhar independência. Não se trata de uma rebeldia aberta, mas de uma negociação constante

com as limitações estruturais impostas a ela enquanto mulher e filha submissa. Essa negociação persiste ao longo da narrativa, sobretudo quando cria a casa Au Paradis Retrouvé, espaço que combina comércio, erotismo e sociabilidade elitista.

No romance, a malandragem de Ida se manifesta na capacidade de se adaptar, de manipular o sistema de valores da elite paulistana e dos homens poderosos para ascender socialmente. Ela não rompe com a ordem, mas reconfigura sua posição dentro dela, utilizando o próprio corpo como capital simbólico e econômico, ao mesmo tempo em que forja redes de influência que a colocam no centro das dinâmicas sociais.

Essa postura estratégica encontra eco nas reflexões de Roberto Reis (1987), que destaca como, em sociedades patriarcais e racializadas, a ascensão feminina enfrenta barreiras impostas não apenas pelo gênero, mas também pelos estigmas sociais associados a certas categorias, prostitutas, mulheres pobres, negras e imigrantes. Reis observa: “Porque, sendo a sociedade masculina, a mulher tende a ser recalcada. Mas o é, sobretudo, por carregar algum estigma que provoque seu afastamento.” (Reis, 1987, p. 41)

Ida/Madame Pommery, portanto, representa uma exceção precária: embora consiga ingressar na elite paulistana, sua posição está sempre vulnerável, exposta ao risco constante da exclusão e da deslegitimação social devido ao seu passado e à natureza de seu ofício. A narrativa de Tácito não romantiza sua ascensão, mas revela as contradições de um sistema que permite a mobilidade apenas mediante a conivência e a negociação com os poderes masculinos e raciais dominantes.

Além disso, a malandragem de Madame se dá num contexto urbano e moderno, que se distancia da malandragem tradicionalmente associada à cultura popular e marginal. Sua “artimanha” é a da mulher que domina o código das elites, que conhece as regras do jogo social e cultural e que sabe usá-las para seu benefício. Esse processo de apropriação dos códigos da classe dominante reforça o caráter ambíguo da personagem: ora ela está na borda, na condição de “mundana” ou “prostituta de luxo”, ora ocupa o centro das atenções, como influenciadora e formadora de opinião social, mesmo que a exclusão esteja sempre à espreita.

Nesse sentido, a análise da malandragem feminina proposta por Candido pode ser complementada por abordagens feministas que problematizam a agência das mulheres em contextos opressivos. bell hooks (2000) ressalta que a resistência das mulheres nem

sempre se apresenta como uma ruptura clara com as estruturas patriarcais, mas muitas vezes se manifesta em formas de negociação, subversão sutil e reaproveitamento dos espaços permitidos. Assim, a malandragem de Madame Pommery pode ser lida como uma performatividade estratégica, na qual a personagem exerce seu poder dentro das limitações do gênero e da classe, desafiando as normas por meio da adaptação e da reinvenção.

Portanto, a figura da Madame encarna uma mobilidade social que é simultaneamente conquista e precariedade, estratégia e subjugação, agência e estigma. Ao mesmo tempo em que conquista seu espaço, permanece refém das dinâmicas que a condicionam, revelando as tensões e ambiguidades presentes na condição feminina em uma sociedade patriarcal e hierarquizada

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da trajetória de Madame Pommery evidencia a ambiguidade e a complexidade da prostituição enquanto prática social multifacetada, situada num contexto de forte dominação patriarcal e desigualdades estruturais. A obra de Hilário Tácito constrói uma personagem que se utiliza de sua sexualidade e astúcia como instrumentos de ascensão social, desafiando as limitações impostas pela moral vigente e pelos padrões de gênero da *Belle Époque* brasileira. Essa ascensão, porém, é marcada por uma constante negociação entre agência e subjugação, entre poder e estigma, que reflete as tensões intrínsecas à condição feminina em uma sociedade hierarquizada e excludente.

Madame Pommery emerge como uma figura paradoxal: ao mesmo tempo em que é vítima das imposições econômicas e morais, especialmente no que diz respeito ao controle sobre o corpo feminino, é também uma agente estratégica que subverte essas mesmas estruturas para conquistar relativa autonomia e prestígio social. Essa dualidade confirma o argumento de Michelle Perrot (2005), para quem o corpo das mulheres, historicamente regulado, violentado e apropriado, pode, sob certas circunstâncias, transformar-se em um espaço de resistência e ação. O corpo, nesse sentido, não é apenas objeto passivo da exploração, mas também meio pelo qual as mulheres podem articular sua sobrevivência e, em alguns casos, sua ascensão social.

Além disso, a narrativa de Tácito nos convida a refletir sobre as articulações entre gênero, classe e poder, mostrando como a mobilidade social feminina está condicionada a estratégias complexas de adaptação, negociação e malandragem, conforme apontado por Antonio Candido (1993). Madame Pommery não apenas transita entre os espaços do poder masculino, mas também constrói, dentro dessas limitações, um espaço próprio, a casa *Au Paradis Retrouvé*, que funciona como um palco onde se articulam prazer, comércio e relações sociais, ao mesmo tempo em que expõe as contradições da modernidade brasileira e sua aspiração ao cosmopolitismo.

A personagem reflete, ainda, o entrelaçamento do local e do global, uma vez que a prostituição de luxo em que se insere está imbricada em processos históricos de europeização e branqueamento, como mostram as análises de Taynara Mirelle do Nascimento de Araújo e Margareth Rago. A idealização das “polacas” e o uso da cultura francesa como referência simbólica no romance exemplificam o uso do corpo feminino como capital cultural, social e político, o que amplia o debate para além do âmbito pessoal, situando a história de Madame Pommery no centro das dinâmicas de poder que estruturam a sociedade brasileira em um momento de transição.

Por fim, a complexidade da personagem e a riqueza da obra de Tácito convidam a uma leitura que ultrapassa o simples juízo moral sobre a prostituição. Em vez disso, propõem uma reflexão crítica sobre os modos pelos quais as mulheres negociam seus corpos, suas identidades e seus lugares sociais, revelando as ambiguidades e os conflitos de uma época marcada por profundas transformações culturais, sociais e econômicas. Madame Pommery, assim, permanece como um símbolo literário de resistência e vulnerabilidade, astúcia e sujeição, cuja história ilumina questões fundamentais para a compreensão das relações de gênero e poder no Brasil do início do século XX.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Taynara Mirelle do Nascimento de. “Madame Pommery”: a prostituição das polacas no Brasil. *Entrepalavras*, Fortaleza, ano 5, v. 5, n. esp., p. 219-237, ago./dez. 2015. Disponível em: < https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24338/1/2015_art_tmnaraujo.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2026.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2016. (Original publicado em 1949).

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 53. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. 1. ed. New York: Routledge, 1990.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. In: CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. 1. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p.19-54

CARMO, José Carlos Mariano do. *Madame Pommery: a primeira malandra na prosa ficcional brasileira*. 2003. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/85776>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

DAVIS, Angela. *Women, Race & Class*. New York: Random House, 1981.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

hooks, bell. *Feminism is for everybody: passionate politics*. 1. ed. Cambridge, MA: South End Press, 2000.

MULVEY, Laura. *Visual Pleasure and Narrative Cinema*. *Screen*, Oxford: Oxford University Press, v. 16, n. 3, p. 6–18, autumn 1975.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2005.

PEREIRA, Cristiana Schettini. *Que tenhas teu corpo: a prostituição nos tribunais e na imprensa em São Paulo, 1880-1920*. 1. ed. Tese (Doutorado em História) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1591934>>. Acesso em: 03 abr. 2026.

RAGO, Luzia Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890–1930)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

REIS, Roberto. *A permanência do círculo: ensaios sobre o romance brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1987.

TÁCITO, Hilário (pseudônimo de José Maria de Toledo Malta). *Madame Pommery*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1998.